

INVESTIDOR-ABUTRE

É a definição dos Dart, segundo economista.

Michael Adler, professor de finanças internacionais da Escola de Administração de Empresas da Universidade de Columbia, Nova York, comparou a família Dart a “investidores-abutres”, numa reportagem sobre a controvérsia publicada ontem pelo “The Wall Street Journal”. Esse tipo de investidor compra ações de empresas em dificuldades para depois sugá-las. “Dart está fazendo o que os abutres fazem”, afirmou Adler.

Tidos como os mais eficientes fabricantes mundiais de copos e outros produtos de isopor, os Dart começaram sua fortuna no estado de Michigan e controlam hoje uma das maiores empresas privadas de capital fechado dos EUA,

Família de credores que ameaça o acordo da dívida brasileira suga empresas em dificuldades, diz especialista.

com sede em Sarasota, Flórida. A terceira geração, na faixa de 30 a 40 anos de idade, está no controle dos negócios. A família começou a comprar papéis brasileiros em 1991. Em 1992, Kenneth Dart procurou representantes do governo brasileiro e se apresentou como credor.

Um ex-alto funcionário brasileiro, que teve dois contatos com ele em Nova York, o descreve como “um sujeito fechado e de perfil baixo”. O segredo é uma das marcas do comportamento do grupo no mundo dos negócios. Como donos de um negócio familiar, com um grande fluxo de caixa, os Dart não precisam recorrer a bancos e nunca abriram o capital de suas empresas.

Embora sejam avessos à publicidade, na semana passada

os Dart tornaram públicas suas desavenças com o Brasil e o comitê de bancos. Num comunicado à imprensa aparentemente calculado para colocar o governo na defensiva e/ou provocar a cizânia entre este e o comitê, o conselheiro financeiro da família insinuou que o País estaria maltratando “um investidor de longo prazo”.

A iniciativa não deu os resultados pretendidos. Os Dart não conseguiram o que queriam — manter 100% de seus

ativos nos bônus de capitalização — e estão perdendo a briga publicitária, como mostra a declaração de Michael Adler. O aparecimento de investidores particulares e

especuladores de todo tipo na cena prenuncia um “deslocamento de poder” nos esquemas de renegociação da dívida dos países que quebraram nos anos 80, em detrimento dos bancos, que até agora tiveram o controle político do processo, indicou Adler. O comunicado da família Dart informou que esse novo tipo de investidor, e não mais os bancos, controlaria a maioria dos ativos em jogo nas futuras negociações.

Segundo cálculos de Michael Pettis, da firma de investimentos Weston, de Nova York, citados pelo “The Wall Street Journal”, os papéis brasileiros em poder dos Dart já teriam ganho US\$ 280 milhões em valor. E podem valorizar outros US\$ 100 milhões se o acordo for fechado. **(P.S.)**